



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS PENEDO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E  
CULTURAL**

**MARIANE ANDREA ROCHA**

**REFLEXÕES SOBRE A CULTURA RIBEIRINHA NO BARRO  
VERMELHO EM PENEDO - ALAGOAS**

**PENEDO, AL  
2023**

MARIANE ANDREA ROCHA

**REFLEXÕES SOBRE A CULTURA RIBEIRINHA NO BARRO  
VERMELHO EM PENEDO - ALAGOAS**

Artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Alagoas, campus Penedo, como requisito para a obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gisele Oliveira de Lima

PENEDO, AL  
2023



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
**Campus Penedo**  
**Biblioteca**

---

R672r

Rocha, Mariane Andrea.

Reflexões sobre a cultura ribeirinha no Barro Vermelho em Penedo - AL / Mariane Andrea Rocha. – 2023.

27f; il.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Gisele Oliveira de Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Ambiental e Cultural) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Penedo*, Penedo, 2023.

Trabalho acadêmico em versão digital.

1. Cultura. 2. Barro Vermelho - Penedo, AL. I. Lima, Gisele Oliveira de. II. Título.

CDD:398.23

---

**Maria Luzia Alexandre de Oliveira**  
**Bibliotecária/Documentalista**  
**CRB-4/2159**


MARIANE ANDREA ROCHA

## REFLEXÕES SOBRE A CULTURA RIBEIRINHA NO BARRO VERMELHO EM PENEDO - ALAGOAS

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao de Especialização Em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Penedo, como requisito final para a btenção do grau de Especialista em Educação Ambiental e Cultural.


APROVADO(A) EM: 18 / 12 / 2023.

### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 GISELE OLIVEIRA DE LIMA  
Data: 02/02/2024 18:03:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gisele Oliveira de Lima  
Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente  
 CARLOS MARCELO MACIEL GOMES  
Data: 23/01/2024 21:38:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Carlos Marcelo Maciel Gomes  
Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente  
 THALINE LUIZE RIBEIRO FONTENELE  
Data: 23/01/2024 11:04:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Thaline Luize Ribeiro Fontenele  
Instituto Federal de Alagoas

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| RESUMO.....  | 06 |
| ABSTRACT.....  | 06 |
| INTRODUÇÃO.....  | 06 |
| 2 MATERIAIS E MÉTODOS.....   | 08 |
| 3 REFERENCIAL TEÓRICO.....   | 09 |
| 3.1 O Sobe E Desce De Ladeira Todo Dia: No Cotidiano Se Faz A Cultura.....     | 09 |
| 3.2 Da Rua Do Fogo A Rua Dos Pescadores: O Ribeirinho Do Barro Vermelho.....   | 13 |
| 3.3 Minha Avó Me Ensinou! – Educação E Transmissão De Saberes Ribeirinhos..... | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 24 |
| REFERÊNCIAS.....   | 26 |

## **REFLEXÕES SOBRE A CULTURA RIBEIRINHA NO BARRO VERMELHO EM PENEDO - ALAGOAS**

**MARIANE ANDREA ROCHA<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

A cultura é um fenômeno humano que se constrói a partir das vivências cotidianas, simbólicas, subjetivas e das relações sociais de múltiplos sujeitos dentro de um dado território. A partir desses pressupostos, o sujeito também constrói sua identidade cultural coletiva e individual, além de assentar o pertencimento promovendo a salvaguarda de saberes através da educação informal e patrimonial. A presente pesquisa objetivou refletir a construção da cultura ribeirinha a partir do cotidiano do Barro Vermelho em Penedo- Alagoas. A pesquisa, de caráter exploratório, teve sua construção a partir do método descritivo, a fim de que as reflexões propostas pudessem auxiliar na construção do trabalho.

**Palavras-chave:** Cultura; Povos Ribeirinhos; Penedo.

## **REFLECTIONS ON RIVERSIDE CULTURE IN BARRO VERMELHO IN PENEDO – ALAGOAS**

### **ABSTRACT**

Culture is a human phenomenon that is constructed from the daily, symbolic, subjective experiences and social relationships of multiple subjects within a given territory. Based on these assumptions, the subject also builds their collective and individual cultural identity, in addition to establishing belonging by promoting the safeguarding of knowledge through informal and heritage education. This research aimed to reflect the construction of riverside culture based on the daily life of Barro Vermelho in Penedo-Alagoas. The research, of an exploratory nature, was constructed based on the descriptive method, so that the proposed reflections could assist in the construction of the work.

**Keywords:** Culture; Riverside Peoples; Penedo.

### **INTRODUÇÃO**

Ao abordar a cultura ribeirinha do penedense representada nos costumes, lendas, saberes populares, gastronomia, festas e crenças reveladas nos modos de viver o cotidiano, se pretende enfatizar que o território é o lugar de construção das múltiplas identidades e de produção de sentido do povo que ali reside, onde por consequência, o pertencimento à cultura e a transmissão

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo – UFAL, Mestra em Culturas Populares – UFS, Artista Popular e Produtora Cultural. E-mail: mariane.andrea.r@gmail.com.

de saberes muitas vezes são o resultado desta amálgama cultural (CASTELLS, 1999; HALL, 1996).

Em um recorte mais específico do território e da cultura, comunidades tradicionais ribeirinhas, são grupos sociais que são caracterizados por suas particularidades históricas, saberes e “distintas formas de ser” (CAVALCANTI, 2001), além disso, possuem celebrações, tradições, costumes e maneiras comuns de organização social preservadas até hoje e evidenciadas pelo povo que vive as margens dos rios.

Essa relação homem e natureza através das vivências ribeirinhas é ancestral, e simbolizam e socializam o homem com a água. Essa permanência nas margens dos rios, dão ao homem brejeiro uma visão holística e simbólica de sua realidade. Logo, “o curso arterial e autocontrolado do rio sagrado é semelhante à corrente sanguínea dos homens, constituía uma imagem permanente do fluxo da vida, a linha das águas, do começo ao fim, do nascimento à morte, da fonte à foz” (SCHAMA, 1996, p. 266).

A vida se constitui para além das narrativas hegemônicas contemporâneas/modernas de ser e existir. Cosmovisões distintas promovem novas cosmovisões e as perspectivas das comunidades tradicionais rompem com a ideia hegemônica de uma civilização autofágica, em que a Terra em seu limite não suporta mais essa urbe “pelo menos não essas que se configuram como uma continuidade das pólis do mundo antigo, com gente protegida por muros, e o resto do lado de fora — que pode, inclusive, tanto ser bichos selvagens quanto indígenas, quilombolas, ribeirinhos, beiradeiros” (KRENAK, 2022, p. 28), e a cosmovisão ribeirinha pode ser um agente de transformação do pensamento hegemônico não apenas sobre as relações autofágicas da sociedade, mas também acerca de relações cotidianas e sobre a construção cultural de uma sociedade.

Pensando ainda sobre vida e cultura, a partir das perspectivas interpretativas de Clifford Geertz que define cultura como “teia de significados tecida pelo homem” (GEERTZ, 1978, p. 16), pode-se então considerar que a cultura se põe transversalmente, de maneira real e simbólica movimentando e dando sentido as vidas ribeirinhas, uma vez que esta é fruto das concepções socioculturais, a partir das contradições geradas nas relações econômicas, políticas, e até de poder. A cultura, é então, ferramenta política de resistência de um povo, de uma comunidade para manutenção de suas formas de vida e saberes ancestrais, além de ser este importante complexo agrupamento de modos que caracterizam este mesmo povo.

A partir disso surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a cultura ribeirinha do Barro Vermelho de Penedo- Alagoas, é evidenciada e repassada entre os atores sociais através do cotidiano do território? A escolha da cultura de Penedo como tema de pesquisa vem

das minhas vivências acadêmicas nos últimos anos. Por considerar Penedo como um campo frondoso de pesquisa em cultura, uma vez que a cidade possui a conotação de “berço da cultura alagoana” (MÉRO, 1991), e infelizmente possui poucos trabalhos voltados para a história do seu povo e sua cultura popular, o que deveria ser diferente afinal esta é uma cidade com grande relevância para a própria história do Brasil.

O interesse em estudar a cultura ribeirinha do Barro Vermelho vem da necessidade de entender como atores sociais moradores de uma comunidade tradicional, localizados no primeiro bairro de Penedo - que é também periférico, marginalizado e descendente afro indígena- pode, através da rememoração da sua própria história, fazer a manutenção e do repasse dos saberes, manter sua identidade e desvelar o silenciamento e apagamento de sua cultura.

Já no que diz respeito a relevância social da pesquisa, a ideia é realizar uma devolutiva da produção acadêmica a representantes do bairro, bem como tentar, de alguma forma dar voz aos que foram silenciados, despertando o olhar dos atores sociais sobre sua relevância no território que fazem parte, e também fazer com que atores sociais que fazem parte da perspectiva hegemônica reconheçam e valorizem a cultura do Barro Vermelho, considerando a identidade cultural enquanto fator importante para o pertencimento, celebração e orgulho da cultura de Penedo.

Como já mencionado, o objetivo geral aqui é refletir a construção da cultura ribeirinha de Penedo a partir do cotidiano do Barro Vermelho em Penedo- Alagoas e os específicos se diluem em três tópicos de discussão, mas pretendem: **a)** Reconhecer como a cultura ribeirinha do Barro Vermelho se constrói no território e pode promover o pertencimento do ator social; **b)** Compreender a relevância da educação popular e informal para a transmissão e manutenção de saberes ribeirinhos; e **c)** Discutir inerente presença das culturas a partir das vivências do ator social no cotidiano de uma comunidade tradicional.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

A construção da pesquisa foi, sobretudo, de caráter exploratório, uma vez que tem como enfoque “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1999, p. 27) utilizando um procedimento fundamentalmente bibliográfico uma vez que se debruça sobre artigos e livros com as temáticas pertinentes aos temas abordados “sob novo enfoque ou

abordagem” (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 183; GIL, 1999) mas chegando a novas conclusões e leituras socioculturais críticas.

A pesquisa tem como campo de estudo principal a comunidade tradicional do Barro Vermelho da cidade de Penedo-Alagoas, com enfoque no povo ribeirinho característico do bairro. Além disso, o método empregue foi o descritivo, uma vez que objetivam “a descrição das características de determinada população” (GIL, 1999, p. 27), e a ideia é conhecer um recorte da população do Barro Vermelho. O artigo foi dividido em três partes: A) O sobe e desce de ladeira todo dia: no cotidiano se faz a cultura; B) Da rua do fogo a rua dos pescadores: o ribeirinho do Barro Vermelho; e C) Eu te juro que vi! - memória e transmissão de saberes ribeirinhos.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 O SOBE E DESCE DE LADEIRA TODO DIA: NO COTIDIANO SE FAZ A CULTURA**

As vivências culturais são resultado da produção cotidiana de vida e das relações entre muitos indivíduos em um mesmo contexto. Assim, “em cada região a produção dos meios de existência é recriada simbolicamente pelo imaginário popular coletivo, produzindo expressões próprias de resistência” (PESSOA, 2018, p. 161), ou seja, cada lugar irá construir sua cultura e seu modo de vida com base em sua realidade, momento histórico e circunstância.

Faz-se então necessário situar os pontos de partida de compreensão do conceito de cultura que delimitam minhas compreensões e discussões a todo momento neste trabalho. Delimita-se aqui então cultura enquanto fenômeno de produção e significação da vida social humana cotidiana.

Este conceito simbólico e social se assenta a partir de múltiplas compreensões de cultura e de suas funções a exemplo do que Marilena Chauí (2008) conceitua por “dimensão humana”, ou seja, as formas com que atores sociais ressignificam suas subjetividades. Ou o que Terry Eagleton (2005) considera por “refinamento” no propósito de exprimir uma humanização que esta as esferas materiais, sociais psíquicas, totalizando o eu sociocultural, e até mesmo o que Eduardo Marcarian (1980), pensando em um conceito, pondera pela produção da:

vida social das pessoas do ponto de vista do modo de vida específico que lhes é próprio, e que abarca aquele sistema particular de meios e de mecanismos graças ao qual os indivíduos humanos solucionam os diversos problemas que se lhes deparam no decurso da sua existência pela cooperação. (p. 104).

Logo, pode-se inferir que a cultura habilita e empodera o ator social na compreensão crítica do seu meio social, o faz considerar quais traços e elementos lhe são representativos, identitários e acima de tudo, compreender sua história, ancestralidade de maneira individual e coletiva. Não sendo Romântica, Iluminista ou até mesmo estritamente Populista, (CHAUÍ, 2008) mas compreendendo o caráter ideológico de tantos conceitos, sabe-se que a estratificação das classes ajuda a compreender o fenômeno em sua totalidade e de maneira mais crítica principalmente quando se divide culturas por categorias, assim:

a) a cultura e o saber “do povo” são heterogêneos, abrindo-se num infinito leque de distintas formas de ser; [...] b) esse saber e cultura são históricos e complexos, integrando muitas vezes num único processo, oralidade e escrita, trabalho e lazer, comunitarismo / autoria coletiva e heterogeneidade social/autoria individual, cidade e campo; sagrado e profano, solidariedade orgânica e mecânica, circuitos de troca menos ou mais monetarizados e profissionalizantes. Vista sem preconceitos e em sua integridade, a cultura e o saber popular são poderosos diluidores de fronteiras rígidas entre o que quer que seja; são eficazes canais de comunicação humana a romper barreiras entre diferentes grupos, camadas e classes sociais. (Ibid., 2001, p. 05).

Percebe-se então que a cultura circunscreve a dois elementos importantes de compreensão sociocultural: **a)** um agrupamento de atores sociais em um território que produz por consequência sobre ele, a territorialidade subvertendo ou não, ou ressignificando algumas lógicas colonialistas adaptadas a essa outra territorialidade aqui são conceitos concebidos no diálogo com a cultura na construção identitária e na transformação do ator social (HAESBAERT, 2020); e **b)** a construção identitária (individual e coletiva) do ator social a partir daquilo que o cerca e o afeta de maneira subjetiva e objetiva (HALL, 1996).

Seguidamente, sendo cultura essa representação simbólica da vida e um amalgamento de saberes do povo, no Nordeste<sup>2</sup> - enquanto território - não ocorreu de maneira diferente como foi assentado por diversos pesquisadores como Gilberto Freyre (1937), Roberto Da Matta (1984), Darcy Ribeiro (1996). Sendo uma região multiplural e de considerável amalgamento de gente, e povos distintos, o Nordeste mesmo em sua particularidade possui inúmeros tipos de comunidades ou grupos que se organizam em maneiras distintas de viver e isso se evidencia em toda sua história.

Logo, as camadas populares da sociedade, que são aquelas que de fato constroem a história, e moldam a cultura a partir do cotidiano, manifestam que “o Brasil está em toda parte:

---

<sup>2</sup> Sabe-se que ideia de Nordeste que hoje se conhece de fato se deu a partir de uma construção social de diferenciação ao Sudeste, mas que também foi abraçada e consolidada por culturalistas nordestinos na tentativa de definir e determinar uma região produzindo um discurso por vezes problemático por ser estereotipado e homogeneizante, que foi aceito por um tempo, e que hoje precisa ser repensado dentro e fora da academia (ALBUQUERQUE Jr, 1999).

ou melhor, pode ser encontrado em toda parte. O erro foi procurá-lo onde ele não gostava de estar, ou simplesmente não podia nem devia estar” (DA MATTA, 1984, p. 11). Isso precisa estar posto, pois muitas vezes grupos hegemônicos propõem um Brasil, ou até mesmo uma concepção de Nordeste homogênea, ao passo que a realidade nos desvela ao contrário, uma cultura plural, diversa, heterogênea e acima de tudo, a cara do seu povo.

Ainda se pode considerar que, em se tratando do recorte “do povo”, essas “histórias de gente sem história” (MATOS, 2019), construídas e vividas no contexto sociocultural ainda mais específicos como o recorte de cidades, bairros e comunidades tradicionais em seu complexo cotidiano:

“refletem memórias contrastadas, múltiplas, que delineiam cenários em constante movimento. Assim sendo, as cidades se apresentam como lugar para se viver, trabalhar, rezar, divertir-se; lócus onde se misturam laços comunitários e étnicos, espaços de sociabilidade e reciprocidade no trabalho e lazer. (MATOS, 2019, p. 18).

Assim o bairro/território/lugar de vivência da comunidade tradicional se põe como o ambiente de múltiplas construções de memórias coletivas e individuais, mas sobretudo, é o local de vivência e de ocupação do povo como palco para ali assentarem as suas vidas, uma vez que aquele território, para eles, faz sentido, e é sentido. De maneira mais específica, é no território da comunidade tradicional, que relações comuns são partilhadas, e os significados dessas relações, junto ao patrimônio material e imaterial do território culminam em uma construção identitária cultural do ator social.

Interseccionando as perspectivas, e pensando no recorte étnico-racial, o território, em uma concepção de comunidade tradicional, além de ser um elemento de poder, lutas e resistência social, também se torna local de ressignificação do papel social e da identidade social que um dia lhe foi imposta, muitas vezes, como estigma. Agrupamentos étnico-raciais de grupos sociais distintos somam diferentes e novas percepções e modos de ser em um mesmo território, a própria convivência indígena e negra em territórios ribeirinhos nos mostra hoje a potência multicultural de saberes construídas a partir destes agrupamentos.

Os estigmas, por mais que ainda existam, são e devem ser ainda mais combatidos através do pertencimento, uma vez que não há demérito algum em se pertencer a uma comunidade tradicional. Ao contrário, as comunidades tradicionais, enquanto detentoras de saberes únicos, são fontes ricas de conhecimento e história, precisando assim serem valorizadas e terem suas tradições enaltecidas e mantidas tanto por quem lhes é originário, tanto por quem lhes é de fora. Ser morador de uma comunidade tradicional é um marcador legitimador de uma

história social e cultural por vezes silenciada, mas nos tempos de hoje, é asseguradora de direito e cidadania (BRANDÃO; LEAL, 2012).

Outro fator que desconstrói estigmas, são as construções da identidade do ator social, resultado das representações sociais existentes ao seu redor. Quanto mais referências de sua cultura ele assimila em seu cotidiano, mais fortalecida será sua identidade cultural com relação a aquele território e cultura, ainda que seja influenciada pela contemporaneidade e por outras identidades que nele sejam existentes (HALL, 1996).

De forma mais subjetiva, a identidade cultural também é externada no território onde o ator social “faz parte dele” (HAESBAERT, 2020). Fazer parte aqui não significa apenas o morar, habitar, mas sim o ser e sentir tão conectado a ponto de fazê-lo uma extensão de si, e fazer de si, uma extensão do território. Com essa afirmação pode-se até associar essa relação simbólica de comunidades tradicionais com a integralização aos saberes ancestrais acerca do meio ambiente e da religião nessa produção do próprio conceito de pertencimento ao território, que está baseado em questões anticoloniais – a multiplicidade religiosa, a horizontalidade das relações de gênero, a reafirmação racial, consciência de classe, valorização de saberes não acadêmicos, entre outros - preceitos epistemológicos advindos de uma leitura crítica social, e de lógicas sociais diferentes daquelas eurocentradas, ou até mesmo da fusão remanescente das duas perspectivas de mundo já combinadas ao longo do tempo.

A própria cultura negra e indígena, quando articuladas juntas a ribeirinha se constrói, por vezes, nesta perspectiva decolonial e contra-hegemônica. As formas sociais, de organização, de leitura de vida, são percebidas em outra dimensão, contrária a comumente vigente na sociedade de classes. Muniz Sodré (1988, p. 16) relata que “o território e suas articulações socioculturais aparecem como uma categoria com dinâmica própria e irreduzível às representações que a convertem em puro receptáculo de formas e significações”. O observador externo consegue fazer leituras, e compreensões efêmeras do território e de toda a construção sociocultural ali existentes, porém são os atores sociais que nela residem que dimensionam, ressignificam e sentem de fato o que ali é produzido.

É possível ainda pensar que a produção de sentidos no território se modifica ao longo do tempo, e que se tem a capacidade de “fortalecer o sentido de coesão social” (HEIDRICH, 2013, p. 58). Essa coesão de um grupo se evidencia na transmissão geracional de conhecimentos, nos vínculos fortalecidos entre os atores sociais, nas dinâmicas comunitárias, relações intersociais e no cotidiano.

Além disso, é possível circunscrever que na construção da territorialidade, o ambiente se coloca como elemento simbólico de representação e significados através da relação com

corpos dos atores sociais ali residentes. As relações sociais ali desenvolvidas são asseguradoras da corporeização e da ocupação do território no sentido de simbolizar a vida e produzir sentidos no território (CHAVEIRO, 2012; NOGUEIRA, 2018). A apropriação do espaço no sentido do seu uso, e do pertencer, também está ligada a noção do território e da construção de identidades. Quando o ator social está inserido no território, muitos contextos sociais e culturais o envolvem, e as identidades culturais são modificadas devido as circunstâncias (HAESBAERT, 2020).

### 3.2 DA RUA DO FOGO A RUA DOS PESCADORES: O RIBEIRINHO DO BARRO VERMELHO

Os povos ribeirinhos, são aqueles que habitam tradicionalmente nas margens dos rios, se relacionam integralmente com a natureza, precisam sempre se adaptar aos períodos de vazante ou cheia, abundância ou escassez do rio, e geralmente sobrevivem da pesca artesanal, plantam seu roçado irrigando com a água do próprio rio e desenvolvem sua cultura a partir da ancestralidade indígena e/ou quilombola.

Em termos de ancestralidade, cada região/território vai compor étnica e culturalmente cada grupo ribeirinho de maneira individual e circunstancial a partir de “sequências históricas, únicas e irrepetíveis, que em essência são inexplicáveis” (RIBEIRO, 1996 p. 267). Em Penedo as origens ribeirinhas se dão, a partir da presença indígena preexistente as invasões coloniais. Segundo o antropólogo norte americano William Hohenthal Jr (1960), no Baixo São Francisco, na margem Alagoana, precisamente na cidade de Penedo, em 1749 ainda poderia ser encontrado o povo indígena Xokó. Além disso, a partir de questões referentes as capitânicas hereditárias, territórios ao redor da Vila do Penedo ficavam sob sua jurisdição, ou seja, sob seu Termo, assim sendo, tribos como Aconãs, Carapotios, e Cariris, encontradas na Lagoa Comprida – São Brás aparecem nos registros de Hohenthal como parte do território da Vila do Penedo.

Além disso, vale salientar que alguns povos no século XVII, já viviam em vias de integração ou mesmo integrados aquela sociedade, podendo não entrar de fato nos levantamentos de Hohenthal. De fato, nessa época já existia as divisões urbanas e rurais e em termos do que consideravam na perspectiva de mestiçagem Brasilíndios (filhos de pais europeus com mães indígenas séc. XV e XVI), Neobrasileiros (pessoas de costumes e aparências indígenas podendo ter pais europeus ou africanos), Caboclos (filhos de pais descendentes ou europeus com indígenas séc. XVII) e Curibocas (africanos ou descendentes com indígenas) (RIBEIRO, 1996) já existiam no país e formavam esse complexo étnico cultural chamado Brasil, e conseqüentemente isto veio acontecer em Penedo, o que nos demonstra a pluralidade ancestral, étnica e cultural de nossa gente.

Concomitantemente, houve a pujante presença e negra, escravizada advinda de muitos locais da África Central e Ocidental (SANTOS, 2022; ALVES, 2018). Arthur Ramos (1964) delimita três grandes grupos de africanos que foram trazidos ao país: os de culturas sudanesas, islamizados e os das tribos Bantu, sendo forçados a trabalharem em engenhos de açúcar. Posteriormente, ainda na perspectiva dos escritos sobre mestiçagem, indígena e africanos foram violentamente agregados ao branco, sendo considerados (na época) Mulatos (filhos de pais europeus e mães africanas – negros desafricanizados), e posteriormente os Pardos (filhos de pais europeus e mães africanas – de pele clara), e estes sofriam o estranhamento por parte de ambos os lados, principalmente quando estes não eram escravizados ou estavam em uma posição social que não fosse de subordinação (ALVES, 2018).

Além disso, fazendo uma análise sociocultural, quando se pensa no ator social ribeirinho deve aqui se pensar em um delineamento não apenas da cultura ribeirinha. O ribeirinho é simultaneamente, uma categorização através do território, em que clima, bioma, a configuração de fauna e flora também influenciam nos costumes e adaptações do ribeirinho em seu território. De fato, o território condicionou e propiciou que povos originários indígenas buscassem desenvolver técnicas, manejos, modos de viver e sobreviver em meio a natureza considerando as circunstâncias e épocas, e muito desse conhecimento foi readaptado e salvaguardado ao longo do tempo quando repassado a outros povos nos quais os indígenas tiveram contato.

A vida ribeirinha é intrinsecamente ligada ao fluxo das águas. A cosmovisão do ribeirinho em seu cotidiano e cultura flui através dessa paisagem do rio, implicando assim nas formas de vida adaptadas aquela realidade. Segundo Azevedo (1956, p. 71), “às margens do Rio São Francisco aparecem típicos exemplos de aglomerados fluviais, que têm sua vida presidida pelo rio e a ele estão ligados”. Essa ligação do homem ao rio caracteriza então o homem que vive daquilo que o rio dá, em uma relação, na maioria das vezes, instável, mas intensa. Logo:

[...] temos como definição de “ribeirinho” a população constituinte que possui um modo de vida peculiar que a distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possui sua cosmovisão marcada pela presença do rio. Para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem. (SILVA; FILHO, 2002, p. 27).

Territorialmente, o Velho Chico, rio que banha a cidade de Penedo, foi por muito tempo local propício para muitas trocas comerciais, que culminaram no crescimento e desenvolvimento ao longo dos seus mais de 300 anos de existência enquanto cidade. O rio por onde passa é “construtor de uma surpreendente civilização barranqueira” (CHAGAS,

2014, p. 02), onde ao longo de suas margens o homem que nela reside, resiste as ações do tempo e da história, mantendo assim suas tradições e modos de ser vivos apesar das circunstâncias.

Segundo Flávia Cerullo (2009, p. 30) “Penedo é uma das mais antigas povoações às margens do Rio São Francisco, cuja localização segue os princípios de formação de vilas e povoados do Brasil colonial [...] junto a um curso d’água, próximo a sua foz e em sítio elevado”, e o rio, por sua navegabilidade, fauna e flora abundante criava condições apropriadas para que a vida humana crescesse e multiplicasse em suas margens, e assim se fez o Barro Vermelho em Penedo.

O Bairro Santo Antônio é o primeiro bairro da cidade de Penedo, bem como cita Santos (2019, p. 37) esta é “a primeira povoação de Penedo, e tem como sua principal característica ser margeada pelo Rio São Francisco e tem em seu território a última curva desse rio antes de seguir uma reta para o oceano”, ou seja, trata-se de um território rico em história e cultura, pois é neste lugar em que Penedo começou. Conta-se que esse bairro, além de ser a primeira povoação da cidade, ainda foi ponto e porto de chegada e saída de barcos, navios, homens brancos e negros escravizados e/ou alforriados. Muitos destes se mantiveram ali, formando o que é hoje uma comunidade tradicional de pessoas majoritariamente negras.

Figura 1 - Bairro Santo Antônio visto por satélite.



Fonte: Jaéilton Santos, 2022

A presença indígena, por estar em uma área margeada pelo rio, de fato, como já mencionado, foi uma realidade, porém a falta de registros documentais específicos dificulta uma caracterização de sua herança no bairro. Porém, ao mesmo tempo, o que se pode perceber é que habilidades, costumes, certos modos de vida, elementos culturais ancestrais, ainda que integrados a elementos afrodiáspóricos e europeus, se mantêm e podem ser percebidos a olhos mais atentos para os costumes do Barro Vermelho. As habilidades pesqueiras e de conservação de peixes, fabricação de barcos, de instrumentos pesqueiros, o manejo da terra em pequenas roças, e outros costumes ligam o ribeirão do Barro Vermelho, mesmo que invisibilizadas a um primeiro olhar, ainda se mantêm presentes e profundamente arraigadas na cultura daquele local.

A presença de indígenas e escravizados de muitas origens, fizeram do Barro Vermelho o que ele é hoje: uma comunidade tradicional com muitas referências culturais, étnicas, uma história que muito influencia na história da cidade de Penedo.

Há discussões de que até poderia ser reconhecido, com base em algumas referências africanas ali assentadas, como um quilombo urbano da cidade de Penedo. Apesar de não ter o reconhecimento e homologação da Fundação Palmares, sabe-se que o Bairro Santo Antônio, foi, assim como o Bairro Senhor do Bonfim local confluência e posteriormente morada de escravizados, libertos e seus descendentes – trabalhadores informais, pequenos comerciantes e operários - até os dias de hoje (SANTOS, 2022; ALVES, 2018; TEIXEIRA, 2016).

No território do Barro Vermelho múltiplas e diversas manifestações culturais que atravessam a identidade ribeirinha podem ser encontradas. A pesca artesanal é uma das atividades econômicas, mas também tradicionais mais latentes no território. Evidência disso, é a presença da colônia de pescadores Z-12 – Colônia São Francisco, que segundo Jaéliton Santos (2022) possui em média 1350 membros e acompanham e são beneficiados pelo defeso do rio que geralmente vai de novembro a fevereiro (IBAMA, 2016; CBHSF, 2022), reminiscência da presença afro-indígena no bairro que se mantêm até hoje enquanto fonte de renda.

Além da pesca, as manifestações religiosas no bairro se dão principalmente pelo catolicismo e pelas religiões de matriz africana. Como referências católicas, ao homem ribeirão, é latente a devoção a Bom Jesus dos Navegantes, que é comemorado oficialmente em 01 de janeiro, mas suas festividades reverberam por todo o mês. Segundo Guimarães (2014, p. 24) “no imaginário popular o Bom Jesus passava e tornava tudo farto e sagrado”, a própria imagem do Cristo sobre o barco, em procissão em terra ou nas águas dá, simbolicamente a ideia de bênçãos para seus devotos o ano inteiro.

Figura 2 – Orla do Bairro Santo Antônio na festa de Bom Jesus dos Navegantes 2023



Fonte: Prefeitura de Penedo (2023)

Santo Antônio, santo que também nomeia o bairro, foi tomado em reverência pelos ribeirinhos do Barro Vermelho, suas festividades acontecem entre agosto e setembro anualmente. Conhecido por abençoar os pobres, o santo em questão ganhou, em 1906, após a mobilização dos líderes comunitários do bairro, uma capela a fim de reiterar a presença, bênçãos e devoção a Antônio naquele lugar (SIPEAL, 2017). As religiões de matriz africana e de matriz indígena se fizeram presentes também no Barro Vermelho. Candomblé e Umbanda possuem muitas casas e terreiros até hoje no bairro, e o Velho Chico abençoa, mantém e fortalece a fé dos fieis das múltiplas religiões que estão ali presentes com sua força e vigor remanescentes, fazendo do ribeirinho um povo forte e que busca através da religião se conectarem com o lugar e o território.

Outro elemento cultural latente no Barro Vermelho são os costumes tradicionais. Banho de rio e atividades de lazer como práticas esportivas e momentos de confraternização entre os autóctones nos finais de semana são comuns na orla do bairro. Grupos que praticam vôlei de areia, futevôlei<sup>3</sup> e futebol podem ser facilmente encontrados, realizando campeonatos na quadra ou nos terrenos na beira do rio, sendo muitos desses atletas amadores, pescadores, ou homens que vivem do rio em seu momento de lazer e fruição do esporte.

<sup>3</sup> **Torneio de futevôlei em Penedo movimenta arena do Barro Vermelho no dia 03 de setembro.** Disponível em: <https://penedo.al.gov.br/2023/08/21/torneio-de-futevolei-em-penedo-movimenta-arena-do-barro-vermelho-no-dia-03-de-setembro/>. Acesso em: 20 out. 2023.

Da mesma forma a tradição das mulheres em ir com a família para a beira do rio, para se banhar e refrescar e levar as crianças para ter contato com a natureza. Seja na margem do Barro Vermelho, ou na croa, contemplando a Rocheira, o ribeirão do Barro Vermelho tem como costume levar comidas e bebidas para passar o dia de lazer circundado pelas águas frescas do rio.

Figura 3 – Igreja do Santo Antônio



Fonte: Aqui Acontece (2017)

Artistas e artesãos do bairro, também possuem atividades ligadas a vida ribeirinha. Algumas embarcações como canoas são construídas de forma artesanal na beira do rio, e comercializadas na cidade ou até mesmo vendida para pescadores de outras cidades. Outras atividades artísticas tem a ver com grupos culturais dos quais os moradores participam efetiva e afetivamente durante o ano inteiro. O que mais se destaca é o caráter festivo carnavalesco dos ribeirinhos com a Folia na 15<sup>4</sup>, festa anual na rua 15 de novembro, um carnaval fora de época muito aguardado pelos moradores, e as festas com bonecos gigantes, blocos carnavalescos, além da tradicional batucada Milionários do Samba<sup>5</sup>, que fazem com que o bairro possua uma dinâmica cultural própria no que diz respeito as festas ali realizadas.

<sup>4</sup> **Com 15 anos de tradição, “Folia na 15” acontece na próxima semana em Penedo.** Disponível em: <https://www.aquiacontece.com.br/noticia/cultura/07/11/2022/com-15-anos-de-tradicao-foia-na-15-acontece-na-proxima-semana-em-penedo/188162>. Acesso em: 20 out. 2023.

<sup>5</sup> **Após quase uma década de silêncio, Batucada Milionários do Samba é reativada em Penedo.** Disponível em: <https://www.aquiacontece.com.br/noticia/cultura/31/08/2018/apos-quase-uma-decada-de-silencio-batucada-milionario-do-samba-e-reativada-em-penedo/133304>. Acesso em: 20 out. 2023.

Como manifestação cultural afro-brasileira, o bairro ainda possui grupos de capoeira, destacando aqui o grupo Mandingueiros<sup>6</sup> do Mestre Bentinho, que além de ações afirmativas artísticas através da dança-luta, também desenvolve um trabalho social com jovens e crianças a fim de que a identidade cultural e história do bairro ribeirinho possa ser afirmada e que o pertencimento seja construído, preservando assim a cultura do bairro.

Mais do que um simples agrupamento de elementos culturais isolados, pode-se perceber que estes compõem um modo de vida dos autóctones do Barro Vermelho. Os sentidos do ser ribeirinho se dão não apenas por viverem à beira do rio, ou por uma parte de seus moradores possuírem ofícios e referências que tem ligação com o rio. Mais do que isso, a produção de sentidos, na vida cotidiana se dá por e pelo território, e toda produção de sentidos que se possa construir nele e por ele.

Um dispositivo do governo que se faz presente no bairro e auxilia na manutenção e preservação social e cultural dos costumes e da vida ribeirinha em Penedo é o CRAS. Localizado hoje na Rua dos Pescadores, o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS Santo Antônio é hoje um importante elemento de oferta de serviços que buscam, além de auxiliar o povo com as necessidades socioassistenciais, ofertam programas de desenvolvimento e manutenção cultural ribeirinha como aulas de dança, canto, instrumentos, e outras atividades para pessoas de todas as idades de modo a reforçar a identidade e a cultura ribeirinha no bairro, a fim de que os moradores conheçam ainda mais suas referências socioculturais.

Enfim, os elementos aqui apresentados, juntos e alinhados a muitos outros existentes, compõem a vida e cultura ribeirinha no Barro Vermelho em Penedo. Cada elemento, de forma holística e rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995), constroem o homem e mulher ribeirinhos de Penedo. De fato, as vivências dos ribeirinhos, são heterogêneas, mas ainda assim as pessoas “pertencem a um lugar maior – o rio” (SILVA; VARGAS, 2020), que vai delinear as memórias, histórias e as construções identitárias através das águas do Velho Chico.

### 3.3 MINHA AVÓ ME ENSINOU! – EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES RIBEIRINHOS

---

**Batucada Milionários do Samba se apresenta em homenagem a Santo Antônio no “Barro Vermelho” em Penedo.** Disponível em: <https://www.aquiacontece.com.br/noticia/cultura/23/08/2023/batucada-milionarios-do-samba-se-apresenta-em-homenagem-a-santo-antonio-no-barro-vermelho-em-penedo/197812>. Acesso em: 20 out. 2023.

<sup>6</sup> **Grupo Mandingueiro de Penedo realiza mais uma ação levando cultura para penedenses.** Disponível em: <https://www.aquiacontece.com.br/noticia/cultura/31/01/2022/grupo-mandingueiro-de-penedo-realiza-mais-uma-acao-levando-cultura-para-penedenses/176313>. Acesso em: 20 out. 2023.

**Dia da Consciência Negra é marcado por ação do Grupo de Capoeira Mandingueiro em Penedo.** Disponível em: <https://www.aquiacontece.com.br/noticia/cultura/22/11/2021/dia-da-consciencia-negra-e-marcado-por-acao-do-grupo-de-capoeira-mandingueiro-em-penedo/172606>. Acesso em: 20 out. 2023.

Os processos de educação informal referentes a educação popular, podem ser compreendidos como “um saber da comunidade [...] através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoa” (BRANDÃO, 1986, p. 17), destaca-se aqui que a educação popular não se resume apenas a diversidade de classes, mas também pode atravessar outros marcadores sociais como raça, etnia, religião, ocupação e outros (DAYRELL, 2009).

O Barro Vermelho, enquanto comunidade tradicional engloba múltiplos saberes e tal qual as sociedades ágrafas e tradicionais tem a oralidade como meio de transmissão dos saberes ali existentes. O repasse de técnicas entre os pescadores, o repasse de modos de fazer entre mestres artistas e artesãos, a transmissão de conhecimentos sobre a religião, a manutenção de brincadeiras, tradições são perpetuadas pela educação informal, através da oralidade.

Assim como em grupos indígenas onde anciãs e anciãos detém o conhecimento não só dos saberes e da história do povo, comunidades africanas possuem as griotes e os griôs com a mesma função de salvaguardar e repassar as histórias nas comunidades tradicionais, hoje podemos encontrar mulheres e homens que, possuindo notoriedade ou não em seu grupo, repassam os saberes e as histórias.

É o caso do avô, a história que a avó conta na porta de casa, o ensinamento de uma tia, um mais velho do grupo religioso que tem uma sabedoria e acaba repassando de maneira espontânea ou mesmo de forma deliberada aos jovens e crianças da comunidade. No Barro Vermelho também acontece, principalmente entre as mulheres para com jovens e crianças que convivem na vizinhança. No Barro Vermelho temos como exemplo o Sr. Toinho Pescador e poeta e sua esposa Dona Luzinete, a Mãe Lailsa do Candomblé, o Maestro Jorge Souza da Batucada Milionários do Samba, a Beata e Benzedeira Dona Ciçô, o Pai Hélio do Candomblé, a Dona Marlene Benzedeira e Rezadora, o Mestre Tadeu dos Bonecos, e tantos outros homens e mulheres que fazem o Barro Vermelho.

A partir da sentença de Brandão feita no início, sabe-se que a educação informal e popular, em seus processos pedagógicos e criativos muitas vezes se dão no seio familiar, nas vivências comunitárias do território, e experiências dos atores sociais com eventos, símbolos, festas, signos, e outros elementos pertinentes durante sua vida. Como educação informal considera-se aqui:

um tipo de abordagem educativa que acontece fora dos muros da escola e que objetiva desenvolver e valorizar aspectos como: autonomia, autoestima, reflexão crítica dos meios de comunicação, valorização da cultura local, desenvolvimento do sentimento

de pertencimento e, principalmente, reflexão crítica da própria sociedade. (ESTEVES; MONTEMOR, 2011, p. 113).

Educação informal pode ser então entendida como aquela que vai se desenvolver fora do contexto escolar, mas que ao mesmo tempo amplia o conhecimento, a cosmovisão do ator social que esteja ou não em fase escolar (seja ela a nível fundamental, médio ou até superior), e acessa lugares e conhecimentos que muitas vezes não seriam repassados dentro da escola. A educação informal proporciona também maior contato do ator social com sua cultura, e pode potencializar o acúmulo de saberes, e assenta o pertencimento, autoconhecimento e o conhecimento a tudo o que está ao seu redor. Ao mesmo tempo, educação popular:

É compreendida como aquela que não está institucionalizada, ocorre dentro e com os grupos populares; é determinada pela realidade e sua perspectiva é histórica. Desenvolve-se na sociedade para se contrapor ao projeto educacional dominante. Por isso, é adotada em diferentes contextos, principalmente pelos movimentos sociais do campo e da cidade (PINI, 2012, p. 01).

Ou seja, dotada de intencionalidade, a educação popular tem como intuito uma democratização dos saberes, a representação política (e não necessariamente partidária) “cujo propósito é a cidadania compartilhada que se constrói no processo de identidade político-cultural gerado nas lutas cotidianas” (SOUZA, 2001, p. 136), em que elementos do cotidiano sejam aprendidos e apreendidos, culminando assim na cidadania plena e consciente de um ator social em seu território, bairro e comunidade tradicional.

Outra característica da educação popular que precisa ser evidenciada, é sua propriedade subjetiva. Além do ensino e repasse de saberes de maneira prática, “aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa” (BRANDÃO, 1986, p. 12). Esse processo de tornar-se, influencia a percepção, a construção do ator social sobre si e sobre tudo o que há ao seu redor. São construções subjetivas de vida, em que o aprender e o ensinar são uma troca não apenas social e educativa, mas simbólica.

Nesse processo, a educação popular se encontra com o processo de formação de uma cultura. Antes de qualquer desenvolvimento técnico-metodológico de educação, o “envolvimento direto do corpo, da mente e da afetividade, entre as incontáveis situações de relação com a natureza e de trocas entre os homens, é parte do processo pessoal de endoculturação, e é também parte da aventura humana do "tornar-se pessoa" (BRANDÃO, 1981, p. 10).

O processo de endoculturação humana, e concomitantemente, o processo de tensionamento da cultura com a educação, acontece muito antes da educação nesses moldes que hoje são conhecidos. Para além da sistematização de um conjunto de regras, espaço com muros,

estrutura, organização, legislação e competências, a escola por muito era a aldeia (BRANDÃO, 1981), e elementos como memória e a oralidade, eram as ferramentas de repasse de saberes que, por muito tempo foram e ainda são fortes ferramentas de transmissão de saberes de manutenção culturais.

Em comunidades tradicionais, a comunicação oral é o elemento “que não se limita aos contos e lendas nem aos relatos míticos e históricos, é a grande escola da vida, recobrando e englobando todos os seus aspectos” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 35). A palavra, antes da escrita tem o poder não apenas da criação, mas da conexão do homem com a natureza, e da construção de sentidos do mundo que ele conhece. Os saberes milenares indígenas ainda que tenham sido barbaramente vilipendiados, se mantiveram em nossos costumes, gastronomia, modos de viver e de ser. Da mesma forma, “as tradições africanas na diáspora se mantiveram da mesma forma que sempre se mantiveram no berço africano, por meio da oralidade. A tradição oral foi a semente da educação plantada na diáspora” (BARBOSA; BARBOSA; VASCONCELOS, 2021, p. 04), os saberes ancestrais milenares, e o ensino-aprendizagem a partir da fala mantinham as tradições vivas.

Para muitas comunidades tradicionais ainda a oralidade é o conjunto de palavras que “são veneráveis e constituem a chave do tesouro das experiências dos antepassados que trabalharam, amaram e sofreram em tempos pretéritos” (NUNES, 2009, p. 37). É muitas vezes a maior e única herança de um povo, forma única de resguardar sua memória, filosofia e patrimônio imaterial.

A cultura e a oralidade, tem a capacidade de transcender a muitas práticas e perspectivas vazias que muitos tem sobre a educação. Conforme Hampaté Bâ (2010) a tradição oral “é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade Primordial” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169). Essa Unidade Primordial pode ser compreendida como a essência de uma comunidade, ou os elos culturais que dão sentido e coesão a um grupo social, ou seja, os elementos que compõem uma determinada cultura sempre remontam a essência de um povo.

Ainda, a palavra na manutenção da cultura é um elemento que possui fluxo, dinâmica. A palavra não destina a cultura ao envelhecimento, mas se molda e ressignifica o presente, a palavra produz sentido, é sentida, a palavra reconstrói a história de um povo e é a chave da compreensão dele mesmo (JUNIOR, 2014). A palavra ainda é compreendida como o que os gregos nomeiam como *arkhé*. O *arkhé* é a rememoração de uma cultura na manutenção de sua essência e tradição, é o “eterno impulso inaugural da força de continuidade do grupo. A *arkhé*

está no passado e no futuro, é tanto origem como destino” (SODRÉ, 1988, p. 153; SODRÉ, 1983), é o que Krenak (2022) compreende por futuro ancestral, mais ainda, é o presente ancestral de cada povo.

Nas culturas tradicionais, incluindo as ribeirinhas, por muito tempo desprovidas de reconhecimento social, de direito a rememoração, e valorização da parte de quem detém o poder e detém as narrativas da história, teve que se reinventar e preservar os saberes e fazeres através das memórias ancestrais. Ao mesmo tempo, as narrativas dos atores sociais que vivem a vida ribeirinhas são aqueles que possuem “a voz da vida, uma voz que, por sua vigilante oposição ao esquecimento, tem um tom preciso e não modificável: a voz do conhecimento, da autoidentificação” (BRITO, 1996, p. 153).

Nesse sentido, outro elemento operante sobre a oralidade de uma comunidade é a memória. A memória se coloca como um agente operante de manutenção e repasse das culturas. Segundo Brito (1996, p. 153) “fazer memória de alguém ou de alguma coisa é lutar contra o esquecimento: o esquecimento é uma ausência de voz, um silêncio involuntário, um vazio indesejado”, ou seja, a memória é a capacidade da mente não só de armazenar informações, mas tem uma função social de lembrar, rememorar, e perpetuar um elemento de uma cultura.

A memória é o fio condutor para que a cultura seja parte construtora das identidades culturais de atores sociais (HALL, 1996). E são essas sabenças, lembradas à beira do rio, contadas embaixo da árvore, ditas à beira da calçada que fazem com que aquele patrimônio material ou imaterial possa ser apropriado, reconhecido e vivido. Mais ainda, eles formam e moldam as comunidades, grupos sociais e em seu processo educacional, perpetuam junto à memória, essas referências do povo.

Pierre Nora (1978, p. 112) define memória coletiva como aquilo “que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fizeram do passado”, indo além desta definição, é aquilo que transcendendo o passado e ainda se põe vívido no presente, na subjetividade dos grupos, que constroem a história daquele lugar.

A transmissão de saberes através dos elementos da cultura de uma comunidade tradicional, enfrentam na contemporaneidade diversos problemas, é fato. É preciso salientar que o desinteresse geracional em favor ao interesse por novas mídias, o interesse por elementos da cultura de massa, ou até a falta de manutenção de um elemento cultural por parte de seus participantes, culmina na dificuldade de que seus elementos sejam integralmente conhecidos e vivenciados pelas pessoas que deveriam ser seus representantes

Claro que, enquanto detentora de dinâmica e fluxos, uma cultura está sempre em movimento, em transformação, e muitos de seus elementos são deixados para trás e/ou

transformados (GEERTZ,1978; LARAIA, 1986), mas ainda assim, não a ponto de não serem utilizados como ferramenta de ensino sobre as ideias, conceitos e a construção identitária coletiva e individual de um povo.

Outro ponto é que, ainda que a rememoração da história a partir da memória de um povo seja por vezes efemeramente, a educação ocidental não dá conta dessas perspectivas. Os ideais cartesianos, eurocentrados de educação não dão conta das perspectivas africanas e/ou tradicionais de educação, manutenção e transmissão de saberes e conhecimentos, já que a “tradição oral empodera o educando com um conhecimento que poderá ser agregado na sua vida em sua totalidade, uma vez que a educação volta-se, no caso destacado, para a iniciação do educando em uma casta ou em um ofício específico” (BARBOSA; BARBOSA; VASCONCELOS, 2021, p. 06). Não apenas a tradição oral, memória, mas de maneira individual, cada elemento de uma cultura, tem muito a ensinar aos pares ali viventes e a pessoas que estão de fora.

Elementos culturais de uma comunidade tradicional, como objeto de transmissão de saberes ainda que informais são ferramentas complementares a educação escolar/formal transmitidas na comunidade. O registro, pesquisa, conhecimento e vivência de uma cultura, principalmente no que se diz respeito a suas manifestações culturais como causos, literatura, música, ritos, são ricas fontes de saberes e de autoconhecimento de um ator social sobre si e sobre sua vida (PESSOA, 2018), elas incentivam pesquisas a partir dos atores sociais e incentivam que os mesmos auxiliem pesquisadores a registrarem sobre suas vidas.

Por fim, a educação popular, no sentido do celeiro de saberes de uma comunidade são resultados de uma produção identitária e cultural onde “requer a capacidade de conviver com a diversidade, conhecer as diferentes culturas e respeitá-las integralmente, construir efetivamente com o outro e reconhecer, no cuidado da vida, um valor e um princípio de sustentabilidade humana” (PINI, 2012, p. 04), a transmissão étnica-cultural negra-ribeirinha de saberes devem ser incentivada nas comunidades, não apenas em projetos educacionais, mas nesse cotidiano, nessas trocas simbólicas, em que se se apreendem as verdades subjetivas da vida em comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo apresentou reflexões pertinentes sobre o modo de vida ribeirinho do Barro Vermelho em Penedo, a partir de elementos culturais e as vivências cotidianas dos moradores

do bairro. Dadas as dimensões, o trabalho de fato não conseguiria mensurar de maneira mais aprofundada os elementos que constituem essa cultura, afinal apenas um trabalho de campo ou etnográfico poderia capturar tais especificidades.

Pensar a cultura ribeirinha é pensar como o rio abraça a vida das pessoas do Barro Vermelho. A vida ribeirinha não é apenas os costumes da pesca e da subsistência através do rio. Mas uma significação da vida através da presença do rio no cotidiano e na paisagem do homem do Barro Vermelho.

Academicamente é mais do que urgente que as temáticas do ribeirinho sejam trabalhadas de maneira teórica e prática, para que haja uma sensibilização dos moradores do bairro ainda maior sobre sua realidade, sobre sua própria história e patrimônio cultural, além de uma sensibilização ao poder público na criação de ações de valorização da cultura ribeirinha da cidade.

Mais importante ainda é a quebra de estigmas criados socialmente em Penedo por parte de grupos hegemônicos com relação a comunidades tradicionais igual ao Barro Vermelho de modo que narrativas colonialistas que ainda existem possam ser dissipadas, a fim de que os penedenses conheçam a história dos silenciados e esquecidos que fazem parte da história da cidade.

Retornando ao problema de pesquisa, em que se questionava as maneiras pelas quais a cultura ribeirinha seria evidenciada e repassada, resulta que no dia a dia os saberes são repassados geracional e intergeracionalmente entre os residentes do bairro, e que esses saberes estão sempre seguindo as modificações culturais, seguindo as dinâmicas da própria vida de maneira simbólica e também factual.

Outro ponto a se considerar é a importância da salvaguarda desses saberes orais. A riqueza cultural ampara e delinea uma sociedade em múltiplos aspectos, e pensar em práticas educacionais, ainda que informais, que rompam com os silenciamentos históricos podem e poderão ainda mais fortalecer comunidades como o Barro Vermelho. As construções identitárias e cidadãs se fortalecem ainda mais a partir da libertação através do conhecimento, que gera uma perspectiva crítica e ao mesmo tempo afetiva do ator social sobre sua própria realidade.

Por fim, assim como a correnteza que desloca velozmente as águas do Velho Chico no leito e no fundo do rio, a vida se transforma em fluxos, de maneira rápida e complexa, e o ribeirinho segue o curso do rio independente dos banzeiros ou calmarias que precisa enfrentar.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, F. N. S. et al. **Os pardos da Vila do Penedo do rio São Francisco: escravidão, hierarquias e distinção social em Alagoas (1758-1819)**. 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5066>. Acesso em: 20 out. 2023.
- AZEVEDO, A. **Vilas e cidades do Brasil colonial. Ensaio de uma geografia urbana – retrospectiva**. São Paulo: USP, 1956. Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/artigos-de-periodicos/item/78093-vilas-e-cidades-do-brasil-colonial-ensaio-de-geografia-urbana-retrospectiva.html>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BARBOSA, M. dos S.; BARBOSA, Éden dos S.; VASCONCELOS, J. G. Memória e oralidade, sementes da educação africana plantadas na diáspora. *Ensino Em Perspectivas*, 2(4), 1–11. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6213/5411>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BRANDÃO, C. R.; LEAL, A. Comunidade tradicional: conviver, criar, resistir. *Revista da ANPEGE*, v. 8, n. 09, p. 73-91, 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6518>. Acesso em: 25 out. 2023.
- BRANDÃO, C. R. **Educação popular**. 1986.
- BRANDÃO, C. R. et al. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRITO, Ê. J. da C. Cultura Popular: Memória E Perspectiva. *ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura*, v. 4, n. 2, p. 153-163, 1996. Acesso em: 20 out. 2023. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/465>. Acesso em: 13 set. 2023.
- CAVALCANTI, M. L.V. de C. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial*. Org. Londres, Cecília. Out-Dez, n. 147. pp. 69-78. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2001. Disponível em: <https://www.arqpop.arq.ufba.br/node/84> .Acesso em: 20 out. 2023.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. (a era da informação: economia, sociedade e cultura). Tradução Klauss B. Gerhardt. Prefácio de Ruth C. L. Cardoso. São Paulo: Paz e Terra, v.2, 1999.
- CBHSF. **O Baixo São Francisco. Belo Horizonte**. 2022. Disponível em: <https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/documentos/o-baixo-sao-francisco/>. Acesso em: 10 set. 2023.
- CERULLO, F. C. **Olhares e memórias: representações históricas do rio São Francisco e da paisagem urbana de Penedo-AI**. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CHAUI, M. Cultura e democracia. *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*, v. 1, n. 1, p. 53-76, 2008.
- CHAGAS, I. das. **Eu sou o rio São Francisco**. Montes Claros: Unimontes, 2014.

CHAVEIRO, E. Corporeidade e Lugar: Elos da Produção da Existência. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 249-280.

DA MATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DAYRELL, J. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. In: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2009. p. 194-194.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1, p. 11-37, 1995.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Unesp, 2005.

ESTEVES, P. E. do C. C.; MONTEMÓR, H. A. de S. M. Uma proposta de educação não-formal: o Espaço da Criança Anália Franco. **Educação em Revista**, v. 12, n. 2, p. 109-124, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/2490> . Acesso em: 12 out. 2023.

FREYRE, G. **Nordeste: aspectos da paisagem da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, E. V. C. et al. **Entre janelas e camarotes: o sagrado e o profano na festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL**. 2014. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5503>. Acesso em: 20 out. 2023.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100>. Acesso em: 04 out. 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 1996.

HAMPATÉ BÂ, A. A Tradição Viva. In J. Ki-Zerbo (Org.) **História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África** (pp. 167-212). Brasília: UNESCO, 2010.

HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P. da; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

HOHENTHAL, W. D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. **Revista do Museu Paulista**, v. 12, p. 37-71, 1960.

IBAMA. **Defeso Da Piracema Restringe A Pesca Na Bacia Do Rio São Francisco Até O Fim De Fevereiro**. Brasília. 2016. Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/noticias/58->

2016/595-defeso-da-piracema-restringe-a-pesca-na-bacia-do-rio-sao-francisco-ate-o-fim-de-fevereiro. Acesso em: 10 set. 2023.

JUNIOR, A. F. de P. Educação e oralidade na cultura negra no Brasil. **Comunicações**, v. 21, n. 1, p. 191-200, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2060>. Acesso em: 20 out. 2023.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, R. De B. **Cultura: um conceito antropológico**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

MARCARIAN, E. S. et al. O papel da cultura nas Ciências Sociais. **ENGELS, F.; GEERTZ, C.; LEONTIEV, AN; BAUMAN, Z. Editoria Villa Martha Ltda. Porto Alegre, RS**, p. 103-107, 1980.

MATOS, M. I. S. de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. E Manuscrito, 2019.

MÉRO, E. **Templos, ordens e confrarias: História religiosa de Penedo**. Maceió, SERGASA. 1991.

NORA, P. **Mémoire collective**. In: Le Goff, J. et alli (orgs). *La nouvelle Histoire*. Paris: Retz, 1978.

NOGUEIRA, A. M. R. **Territórios negros em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado) - UFSC/Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis: UFSC/CFH, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193680>. Acesso em: 22 out. 2023.

NUNES, S. D. M. **A milenar arte da oratura angolana e moçambicana**. Porto-Portugal: CEAU/Universidade do Porto, 2009. Disponível em: [https://www.africanos.eu/images/publicacoes/livros\\_electronicos/EB015.pdf](https://www.africanos.eu/images/publicacoes/livros_electronicos/EB015.pdf). Acesso em: 08 set. 2023.

PESSOA, J. de M. **Cultura popular: gestos de ensinar e aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PINI, F. R. de O. Educação popular e os seus diferentes espaços: educação social de rua, prisional, campo. In: **Proceedings of the 4th. Congresso Internacional de Pedagogia Social IV Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2012. Disponível em: [https://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092012000100032&script=sci\\_arttext](https://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092012000100032&script=sci_arttext). Acesso em: 14 set. 2023.

RAMOS, Arthur. *The Negro in Brazil*, Washington, 1939. **Reichert, R." El ocaso del Islam entre los negros brasileños"**, *An. XXXV Congr. Intern. American, Madrid*, 1964.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, E. S. dos et al. **Os Malês na Cidade de Penedo e o silêncio dos espaços de memória.** 2022.

SANTOS, F. Z. **Diagnóstico do patrimônio cultural e seu potencial para o turismo na Comunidade Ribeirinha Barro Vermelho em Penedo-AL.** TCC. Universidade Federal de Alagoas. 2019. Disponível em: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/3174>. Acesso em: 09 set. 2023.

SANTOS, J. F. dos. **Percepção da viabilidade para implementação do turismo de pesca no modelo de turismo de experiência com os pescadores do bairro Santo Antônio em Penedo-AL.** 2022. Disponível em: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/4665>. Acesso em: 09 set. 2023.

SCHAMA, S., 1996. **Paisagem e memória.** São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, C. B. Da; VARGAS, M.A. M. Travessias e itinerários que fazem o “ser” ribeirinho sertanejo no baixo Rio São Francisco. **Geosul**, v. 35, n. 74, p. 375-394, 2020.

SILVA, J. da C.; FILHO, T. A.de S. **O viver ribeirinho.** In: Nos Banzeiros do Rio: Ação Interdisciplinar em busca da sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2002.

SOUZA, E. S. Educação popular e saúde: cidadania compartilhada. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, p. 135-146, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/sJDqMYnKSCLSWDvPrSDznCJ/>. Acesso em: 17 out. 2023.

SIPEAL. **Igreja/SANTO ANTONIO DOS POBRES.** 2017. Disponível em: <https://sipealpenedo.wordpress.com/templos/igrejasanto-antonio-dos-pobres/>. Acesso em: 20 out. 2023.

SODRÉ, M. **A verdade seduzida por um conceito de cultura no Brasil.** 1983.

. **O Terreiro e a Cidade.** A forma social negro-brasileira. Petrópolis, Vozes, 1988.

TEIXEIRA, L. Vapores e escravos no Penedo, Alagoas, na década de 1850. **Saeculum–Revista de História**, p. 123-142, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/26473>. Acesso em: 19 out. 2023.